

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**Contos Negreiros de Marcelino Freire: rompendo as barreiras do imaginário
popular**

Simone Simões Oliveira (UPF)

A análise de Contos Negreiros de Marcelino Freire busca elencar traços de sua contemporaneidade que refletem situações vividas por muitos brasileiros mortos-vivos que estão expostos aos mais diversos tipos de discriminação e violência. Contos Negreiros cumpre o papel de denunciar, através da Literatura, o dia-a-dia da sociedade brasileira descrevendo com riqueza de detalhes temas como: homossexualismo, preconceito racial, exploração sexual de menores, religiões que são discriminadas, tráfico de órgãos, estratificação social e trabalho escravo.

Com uma linguagem às vezes muito próxima da oralidade, Marcelino Freire narra em terceira pessoa, 16 contos que apresentam ao leitor a vida que quase sempre não quer ser percebida: o gay que vende seu corpo sem saber para quem e um dia se apaixona e sofre, o homem que para sobreviver deseja vender seu rim, mesmo que isso possa lhe custar a vida, a índia ainda criança que, entre unhas pintadas e pés descalços, deita-se na rede para matar a sede de sexo do estrangeiro que ainda se vangloria de poder se aproveitar dela, sem nenhum pudor, sem nenhuma censura, Vanicléia, o retrato da mulher oprimida que espera uma criança de um homem imprestável e que sonhava ser prostituta no exterior por julgar que assim sua vida seria melhor. A vida que passa debaixo dos nossos olhos em cada canto, a toda hora. Ou a morte?

É a literatura, atuando como instrumento de intervenção social. O escritor como intelectual militante, detentor de uma palavra literária capaz de traduzir e fielmente representar situações sociais que importa denunciar. (Reis, 1996).

Segundo Silva (1999), o racismo e o sexismo na história da sociedade brasileira, como na história da educação se incluem entre os males mais graves que afligem a humanidade. Mas há também o preconceito contra a religião, contra o pobre, contra pessoas que pensam e agem diferentemente. Contos Negreiros é o relato de muitos tipos de preconceito. É como se começasse pelo fim....com um homem negro de costas nu, despido do medo, da censura, de costas para tudo o que cala, tudo o que oprime e representando toa a sua repugnância contra a discriminação por ele sofrida. Termina por um código de barras cobrindo o sexo do homem negro, agora de frente depois do desabafo através dos contos. O homem negro é produto do mercado? Ou o código de barras é uma tentativa de identificar que não há nenhum outro ser igual a esse homem?

Contos Negreiros é o revelar para o mundo as histórias que ninguém quer ler, nem ouvir, nem ver. Pelas mãos do artista, articulador das palavras, a obra está para o leitor assim como o mundo.

Historicamente, a Literatura brasileira sempre foi contemplada com a presença de personagens brancos, de classe alta e cultos. Mesmo com a massiva presença do negro constituindo aproximadamente 97 milhões no Brasil, segundo Fontes do IBGE, o lugar desta raça na literatura ainda configura um espaço resumido e muito aquém do que deveria ser.

Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu cerca de 40% dos quase 10 milhões de africanos que foram transportados para as Américas, apesar disso, o tratamento que a sociedade brasileira dispensou aos africanos e aos seus descendentes foi marcado, em geral, pelo preconceito e a violência. (PEREIRA, 2010, p. 22)

A realidade apontada acima por Pereira certamente contribuiu para a formação da massiva população de negros que temos hoje no Brasil. O problema é que pelas próprias condições de suas origens, o povo negro sempre viveu sob condições inferiores às dos brancos, tanto no que se refere às condições econômicas, quanto aos conhecimentos formais. Mas isso não indica que o negro não tenha cultura. Contrariamente a isso, há ainda muitas culturas negras que não foram divulgadas nem pela música, nem pela dança e menos ainda pela literatura. Além disso, a cultura do negro tem sido pouco veiculada nos meios literários, inclusive pelos próprios negros

que muitas vezes preferem narrar histórias de brancos, deixando de lado suas próprias histórias. Naturalmente que isso tem relação com o mercado literário. O que as pessoas querem ler? Para quem e por que escrever livros?

Marcelino Freire em *Contos Negreiros* expressa de forma muito intensa as injustiças sociais porque passa o povo negro, mas que também podem passar brancos ou pardos. Sua obra é premissa para uma educação que prima pelo despertar da cidadania porque se utiliza da Literatura para fazer refletir e inquietar. Se à escola resguarda-se o papel da educação que forma cidadãos críticos e conscientes de sua condição humana e transformadora, *Contos Negreiros* pode servir como ponto de partida para muitas reflexões acerca da sociedade que vivemos e a conscientização dos vários papéis que nela temos ou podemos vir a ter.

A obra de Marcelino Freire não está somente para o deleite do leitor, mas está para suas reflexões mais íntimas, quer porque se identifica com as histórias, quer porque as rejeita mesmo sem tê-las jamais experimentado. Afinal, a literatura é arte da palavra e através dela se pode transformar o mundo e tudo o que nele há.

Segundo Silva (1983), uma das funções da literatura é a evasão: o escritor sente a vileza e a injustiça da sociedade que o rodeia e foge através da literatura. Marcelino Freire se utiliza dessa evasão para revelar, através de uma epopeia em prosa, fatos históricos que foram e ainda são vividos não somente por negros, mas por toda uma sociedade discriminada quer pela cor de sua pele, quer porque estão em situação econômica inferior ou porque tem menos escolaridade ou tem hábitos que não são aceitos pela sociedade culta, letrada, rica.

Através dos tempos, a literatura tem sido o mais fecundo instrumento de análise e de compreensão do homem e das suas relações com o mundo (Silva, 1983). Isso vemos representado na obra de Marcelino Freire quando ele observa com senso crítico aguçado a forma como os negros são vistos e tratados na sociedade contemporânea. A literatura passa aqui a oferecer um espaço de denúncia do mundo real.

De um modo geral, muitos escritores brasileiros abordaram o negro em suas obras, mas nem sempre com a visão realista e crítica de Marcelino Freire. Se a obra de Marcelino Freire servir como instrumento para elaboração das aulas dos professores da educação básica, teremos, através da literatura, uma ressignificação do pensamento não

só sobre o negro, como também sobre todas as outras pessoas que de alguma forma são discriminadas, o que certamente contribui para a formação de cidadãos conscientes de seu papel em uma sociedade que não discrimine, que não aparte, mas que se constitua num coletivo que respeite a subjetividade de cada um. Entretanto, é importante que se ressalte que o professor precisa de conhecimentos prévios para trabalhar com literatura enquanto instrumento de intervenção social, deve, antes de tudo, reconhecer a literatura como um suporte que pode interferir tanto na cultura, como na ideologia constituída através desta cultura. Desta forma, toda a carga cultural deste professor também entra em jogo neste processo.

Contos Negreiros precisa de leitores perspicazes e aptos para sofrerem (sentirem) uma narrativa do princípio ao fim, alçando-os acima da definição de “destinatários simplórios”, termo citado por (Zilberman & Lajolo, 1996). Aqui repousa um dos papéis mais importantes da Literatura: tirar o leitor de seu lugar comum através de um sentimento catártico que inquieta, faz refletir, transforma.

Contos Negreiros reúne dezesseis narrativas . Já nas primeiras páginas, Chico Sá descreve a escrita de Marcelino Freire como a fala preta amassada entre os dentes, no terreiro da sintaxe e faz referência ao outro Freyre. Chico Sá faz lembrar da intertextualidade entre a obra de Marcelino Freire e de Gilberto Freire em *Casa-Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933 no qual Freyre rechaça as doutrinas racistas de branqueamento do Brasil, mas lembra que este Freire aqui é de Sertânia, Pernambuco, e a bagaceira São Paulo, enquanto aquele Freyre com “y” era das sombras das pitangas de Apipucos, referindo-se a um bairro de Recife onde morava Gilberto Freyre.

O primeiro conto “Trabalhadores do Brasil” faz referência às divindades da Umbanda – Odé, Obatalá, Olorum, Olorô-Quê, afirmando que todas elas trabalham duro. Assim como os negros, a umbanda é uma religião bastante discriminada em nosso país.

O segundo conto relata uma ideia que quatro negros tiveram de fazer um filme sobre como era a vida das pessoas que moram em um condomínio de luxo. Parar na frente do prédio e dizer que eles estavam filmando, tal como os brancos costumam fazer sem pedir licença quando sobem o morro para querer saber como vivem as pessoas de lá. A ideia dos negros era saber como vivem os bacanas do condomínio de luxo. A crítica de Marcelino Freire recai na descrição das coisas que os brancos e ricos podem

fazer (invadir a favela e filmar tudo lá) e que os negros pobres não podem (invadir o condomínio de luxo e fazer o mesmo). E a história se repete: branco na favela é gente amiga querendo dar uma mãozinha, negro no condomínio de luxo é assaltante. E a sirene da polícia manda cortar a cena.

No terceiro conto, Marcelino Freire mostra a violência aos olhos de quem a sociedade discrimina. A violência de não possuir um carrão do ano, um relógio rolex, de não poder chegar no barraco, dar um beijo nas crianças e assistir tv. É o contraponto da sociedade, é o ponto de vista de quem não é visto a não ser quando tenta assaltar, tirar dos outros o que deseja.

Em Nação Zumbi, o autor descreve as mais profundas mazelas humanas que culminam com a atitude de vender os próprios órgãos do corpo para matar a fome. Quem é zumbi? O que vaga à procura de nada? O quase morto? Há tanta criança zumbi pelas ruas de Recife e também do nosso Brasil que para algumas seria pouco vender o próprio rim.

Totonha, no conto XI é o escárnio da analfabeta que se recusa a baixar a cabeça para aprender a ler e faz pouco caso do governo que paga a professora para ensiná-la. Totonha pode ser qualquer aluno que vaga pelas salas de aula do nosso Brasil sem saber direito porque está lá ou está lá só porque alguém mandou, mas não se importa em aprender a ler nem escrever nem o seu nome, nem o seu mundo. As Totonhas são a nossa cultura do desmerecer o que vale a pena ser merecido. De quantas Totonhas se faz o Brasil?

Em Curso Superior, Freire continua a justificar que negro que quer estudar não está privado de ser discriminado, de continuar desempregado, mas e se o negro não passar? E se a sociedade cobrar as cotas? E se a loira engravidar do negro? E se o policial olhar de cara feia para o negro? O medo está nas veias, está na pele. Mas será que é só o negro que passa por tudo isso, ou Marcelino Freire apenas faz uso dessa raça para falar de todos os pobres, sem escolarização, sem nome, sem voz que andam por aí a perambular debaixo de nossos narizes?

No conto XV, Meu Negro de Estimação, o nome “negro” é substituído por “homem”. Seria o nome “homem” menos agressivo, menos descritível que o nome

“negro”? Curiosamente, no site do Youtube¹, há um vídeo do autor Marcelino Freire lendo este conto, mas neste vídeo, o autor lê a palavra “negro” em vez de “homem”. Mas no livro, por algum motivo, a palavra “negro” é substituída por “homem”. Quem é o negro de estimação do brasileiro? Que não trabalha, não quer mais saber de samba, nem de futebol? Quem faz a identidade negra? Quem o coloca no cabresto? O negro de estimação já não tem memória? Quem é escravo de quem?

E a escola, onde entra nesta história?

“A significação do texto literário é construída a partir da participação efetiva do receptor, o que torna evidente as relações dinâmicas entre a literatura e o leitor e aumenta a responsabilidade de quem conduz o processo de leitura. A escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto. Além dessa concepção, a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares”.(Kleiman, 1996)

A obra de Marcelino Freire é um produto da arte que coloca em cheque as prioridades citadas por Kleiman em relação à Literatura. Além do mero exercício de decodificação, a leitura de Contos Negreiros requer posicionamento crítico, inter e extra relação com o mundo real. A Literatura nos bancos escolares deve assumir o compromisso de inquietar, despertar e promover saberes, inclusive através da ficção que pode vir a ser real.

O ato de ler sustenta-se não só em bases psicológicas, mas também em bases históricas e filosóficas. Portanto, trabalhar com a obra “Contos Negreiros” como literatura das salas de aula da educação básica requer uma abordagem que vai além da leitura descontextualizada.

Contos Negreiros reúne as dimensões abordadas por (Reis, 2001): sociocultural (prática de uma consciência coletiva), histórica (quando Marcelino Freire testemunha o devir da história e do Homem e seus incidentes de percurso) e estética(linguagem literária). A obra é um conjunto de pressuposições ricamente revestido de valores, basta que estejamos desejosos de escrutiná-la.

¹ Referência no final do artigo

Referências

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura: Almedina. Coimbra, 1982

LIMA, Ivan Costa; ROMÃO, Jeruse; SILVEIRA, Sônia Maria (org). Os Negros e a Escola Brasileira. Florianópolis: Alternativa, 1999

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Malungos na Escola- questões sobre culturas afrodescendentes e educação, São Paulo: Paulinas, 2010.

REIS, Carlos. O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários. Coimbra: Almedina, 2001

http://www.pgletras.com.br/Anais-30Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf(acesso em 23/08/13) pag. 51

KLEIMAN, A. Oficina de leitura: teoria e prática. 1996. Campinas: Pontes5

<http://www.youtube.com/watch?v=o-RSEhMEcLQ&hd=1> – acesso em 19/08/13

FREIRE, Mercelino. Contos Negreiros. Rio de Janeiro-São Paulo: Record. 2005

